



As mulheres não têm tempo para relacionamentos e uma vida sexual de qualidade. Apesar de querer romances, essa não é a prioridade. É o que aponta a pesquisa feita pela *Revista* desde 1º de fevereiro no site do *Correio*, em que 39% das leitoras disseram que, quando o assunto é sexo, a dificuldade maior é manter uma prática sexual constante. Apesar de não terem tempo para se dedicar à vida afetiva, 83% dizem querer uma relação estável, seja ela o casamento formal ou não.

Em outra pesquisa similar, realizada pela Triad Consulting, empresa especializada em produtividade e administração do tempo, 61% das mais de 6 mil entrevistadas não equilibram trabalho e atividades pessoais. “As pesquisas mostram dados surpreendentes. O homem nunca esteve tão presente nas tarefas domésticas e as mulheres nunca se sentiram tão angustiadas pelas dificuldades do dia a dia”, explica o consultor Anderson Cavalcante, um dos responsáveis pela pesquisa. Segundo ele, as mulheres sempre se deixam em segundo plano, em detrimento do trabalho e dos filhos. O companheiro e a vida sexual também saem perdendo na batalha para fazer as atividades caberem nas horas do dia.

O fato se torna um problema ainda maior diante da revolução comportamental pela qual a mulher passou nas três últimas décadas. Mais livre e participativa, ela exige ter uma vida sexual ativa e de qualidade. Na pesquisa da *Revista*, além da parcela que quer mais tempo para sexo, 30% responderam que querem ter mais coragem de expressar seus desejos aos parceiros. Cerca de 16% gostariam de se sentir mais à vontade na hora de tomar a iniciativa do ato. Segundo a doutora em psicologia da Universidade de Brasília Giovana Perlin, tais dificuldades nascem do conflito da maior liberdade sexual delas com o comportamento mais reacionário deles — ainda presos a uma realidade em que a mulher tinha pouca ou nenhuma experiência sexual.

Para a psicóloga, os resultados são reflexo das mudanças que começaram no Brasil na década de 1990, incentivadas pela entrada em massa da mulher no mercado de trabalho a partir dos anos 1980. As mulheres não mais precisam do casamento para participar da sociedade, como ocorria na década de 1960 — época em que até conta em banco era algo tutelado pelo marido. A nova realidade, porém, não impede que o casamento seja uma meta perseguida. A maioria continua a optar por um relacionamento duradouro. A diferença agora está nos motivos que as levam ao altar. “Elas e eles se casam como um projeto pessoal, para serem parceiros”, define a psicóloga. Hoje, elas se casam por escolha. E também se separam por opção delas mesmas.

Preocupação de mãe

Conciliar tempo para o trabalho e para as crianças continua a causar inquietação, mas é a dificuldade de manter os filhos em segurança sem tolher a liberdade deles o item que mais ocupa a mente das mães que responderam ao questionário. Mais da metade, 52%, escolheram essa opção. Segundo a psicóloga Giovana Perlin, o resultado reflete os valores da atual geração de mães — sensíveis ao assunto por terem enfrentado barreiras na infância e na adolescência. Ao mesmo tempo, a falta de segurança é um problema que cresce na sociedade e demanda que elas imponham limites.

O problema da falta de tempo para cuidar dos filhos parece inerente à entrada da mulher no mercado de trabalho. Afinal, é impossível se dedicar do mesmo modo que as gerações que viviam integralmente no espaço privado. Mas se as exigências da maternidade não mudam, o ambiente de trabalho promete sofrer sua própria revolução nos próximos anos. Graças aos adventos tecnológicos, é possível vislumbrar um futuro no qual a mulher tenha maior flexibilidade na administração do tempo.

“O modelo em que a dedicação ao trabalho é medida pelo número de horas que se passa na mesa do escritório é retrógrado e pode ser, em muitos casos, substituído pela produção efetiva, por exemplo”, sugere Giovana Perlin. Outra questão é o fato de a legislação brasileira não permitir que a licença-maternidade seja dividida com o pai, como acontece em alguns países que deixam para a família decidir quem será o principal envolvido na criação dos filhos nessa primeira fase. “A lei ratifica a noção de que cabe apenas à mulher os cuidados com o filho, o que deixou de ser verdade há muito tempo”, aponta.

Sem medo de estar só

Se há algo faltando na vida da promotora de eventos Angélica Lopes, 33 anos, é tempo. Com um filho de 10 anos, ela tem uma atribulada rotina profissional. Tanta dedicação trouxe reconhecimentos, mas exigiu bastante em troca. Angélica conseguiu, em poucos anos, conquistar sociedade na empresa em que trabalha. Mas precisa conviver com o fato de ter menos tempo do que gostaria com o filho. Além disso, a rotina toma espaço que poderia estar sendo usado para cultivar amizades e momentos de lazer.

Mas se casar não está na lista de preocupações. "Prefiro ser solteira. Não sinto falta, gosto de ser livre, de ter opções quando não quero ver o namorado todos os dias", conta. O que não a impede, no entanto, de ter uma vida sexual satisfatória. "Não sinto falta de sexo. O problema talvez seja ter menos cumplicidade, que só vem com o tempo das relações mais duradouras", pondera.

Assim como Angélica, 17% das leitoras responderam não ter interesse numa relação estável e preferir a liberdade da vida de solteira. Outro dado interessante é que apenas 13% das mulheres que participaram dizem ter medo de envelhecerem sozinhas. Segundo a professora de psicologia Giovana Perlin, essa é uma tendência, já que a mulher de hoje diferencia não ter marido de não ter sexo, ao contrário do pensamento em vigor décadas atrás. Assim, muitas optam pela liberdade sem comprometer a satisfação do desejo sexual.

Essa nova postura tem consequência nos tribunais. Cerca de 70% dos divórcios são iniciados por elas, conta Giovana Perlin. Isso porque, antes, as mulheres sentiam a necessidade de se manter no casamento mesmo que a relação fosse infeliz. "A mulher contemporânea busca realização. Ela sonha em se dedicar totalmente a todas as atividades que cuida — e se cobra muito por isso. Numa relação é onde ela sente que pode dividir as dificuldades, demonstrar as fraquezas, esse é o objetivo", explica o consultor Anderson Cavalcante.

Monique Renne/CB/D.A. Press



Profissionalmente realizada, Angélica Lopes batalha agora por mais tempo para se dedicar ao filho e aos amigos

Sobre a sexualidade, qual a maior dificuldade da mulher contemporânea?

Conseguir manter uma vida sexual ativa	(39%)
Ter coragem para expressar opinião sobre sexo	(30,76%)
Ter iniciativa com o parceiro	(16,15%)
Ser livre para viver com plenitude	(14,09%)

Qual a importância do casamento formal para você hoje?

Pode ser substituído	(48,74%)
É imprescindível	(34,29%)
Prefere relações mais livres	(11,09%)
Não quer relações estáveis	(5,88%)